

Transferir para a rede pública, a saída comum

O medo de um grande aumento nos preços das mensalidades escolares para o ano que vem já vem fazendo suas vítimas. A universitária Alessandra de Souza Barbosa, de 25 anos, tem uma definição drástica para sua atual situação. "Simplesmente falimos em 96". Até hoje ela deve R\$ 240 ao colégio onde estão matriculados seus dois filhos. A quantia é referente a taxa de matrícula que deveria ter sido feita em janeiro. Esperando o 13º do salário do marido — que, ironicamente, é um professor do estado — para pagá-la, ela só vê uma saída: transferir pelo menos uma das crianças para a rede pública de ensino.

Mensalmente, os gastos com a educação dos filhos Rubens Yan, de 6 anos, e Igor, de 3, chegam a R\$ 600, incluindo as mensalidades, material escolar e a condução. O valor representa quase 50% da renda mensal da família. "No caso do ônibus escolar, expliquei minha situação para a diretora que nos deixou pagar apenas metade do que é cobrado. Mesmo assim, os custos são inviáveis para nós".

Para piorar a situação, Alessandra perdeu há pouco tempo a bolsa que ganhava como monitora de uma disciplina do curso de geografia. "Não é à toa que hoje vendo sanduíche natural e produtos cosméticos para amigos da faculdade. Dá para faturar uns R\$ 200 no fim do mês. É pouco, mas já é uma ajuda", suspira.

Para 97, já está definida a transferência de Rubens para o ensino público. "Nos informamos sobre o colégio municipal Ana Frank, o Marechal Hermes, também municipal, e o Pedro II". Se não conseguirem vaga em nenhum desses, as mudanças serão radicais. "Vamos sair de Laranjeiras. O custo de vida na Zona Sul está alto demais. Em São Gonçalo, por exemplo, terei condições de mantê-lo em uma escola particular", diz.

Videoteipe — A dona-de-casa Monique Cordeiro Mendes ouviu a história de Alessandra como se estivesse assistindo a um videoteipe do que viveu um ano antes. Os filhos João Felipe, de 11 anos, e Débora, 13, sempre estudaram em colégios particulares. Primeiro no Centro Edu-

cacional da Lagoa (CEL), e até o ano passado no Centro Educacional Benedita Barra, em Botafogo. Mas só o salário do marido — um funcionário da Petrobrás — não estava sendo o suficiente para pagar as mensalidades. Neste ano, os dois começaram a cursar as 5ª e 6ª séries na Escola Municipal Estácio de Sá, dentro da Fortaleza de São João, na Urca.

Após a decisão, a família respira um pouco mais aliviada. Monique passou a economizar por mês mais de R\$ 600, sem contar os gastos com material escolar. "No início, achei tudo muito diferente, mas atualmente estou bem adaptada. O banheiro é ruim, mas o ensino é bem melhor", conta Débora. Apesar de um receio inicial, a mãe também está satisfeita. "Os meus filhos estão adorando e o ensino é realmente mais forte", diz Monique. A mais nova do clã, Letícia, 4, começa a se preparar. Prejudicada com o arrocho da família, ela foi tirada da creche onde estava matriculada no ano passado e em 97 disputa com milhares de outros uma vaga no ensino público.